

O TIGRE NÃO MORREU

Luiz Carlos Bresser-Pereira

Folha de S.Paulo, 27/05/90

A inflação está de volta, mas é apressado afirmar que o Plano Collor fracassou. Só fracassou para quem imaginasse que a metáfora do Presidente, que só teria uma bala para matar o tigre da inflação, traduzisse a realidade. Na verdade a luta contra a inflação crônica, de caráter inercial, não termina em um dia. São necessários meses senão anos para que ela seja vencida.

A volta da inflação foi confirmada pelos 8,5 por cento apurados pelo FIPE para a quadri-semana encerrada em 15 de maio. Como há ainda resíduos, principalmente referentes a aluguéis, a inflação de ponta a ponta de maio, comparável aos 3,29 por cento de abril, deve ser de 5 por cento, mas este 5 por cento já são uma indicação clara que os preços voltaram a subir.

Por que retornou a inflação? Há três explicações para o fenômeno: a monetarista, a keynesiana e a neo-estruturalista ou inercialista.

Para os monetaristas a explicação é simples: a inflação voltou porque a base monetária (dinheiro em poder do público) foi multiplicada por quatro em dois meses. Este crescimento da liquidez em seu conceito mais estrito provoca nos agentes econômicos a expectativa que a inflação retornará - e essa "expectativa racional" é naturalmente uma profecia auto-realizante. Não importa que a oferta de moeda tenha em princípio um caráter endógeno, passivo, e que, depois de uma hiperinflação, o necessário processo de remonetização torne o aumento da base monetária ainda mais endógeno. Para o monetarista a crença que o aumento da oferta de moeda causa a inflação através das expectativas tem um caráter religioso.

A explicação keynesiana é um pouco mais verossímil, mas no caso atual responde apenas por uma pequena parte da aceleração inflacionária. A inflação estaria de volta porque o aumento da liquidez baixou a taxa de juros e provocou um excesso de demanda que pressionou os preços para cima. De fato houve nos primeiros 30 dias do plano uma certa pressão sobre a demanda de bens de consumo, mas o aumento da liquidez tem pouca relação com isso. Na verdade, o choque provocado pelo aperto de

liquidez ocorrido nesse mesmo período desencadeou uma recessão, que já começava antes do plano, e que hoje é uma realidade.

A explicação neo-estruturalista ou inercialista está baseada no conflito distributivo. No dia do plano o congelamento somado à retenção dos ativos financeiros levou os agentes econômicos a se julgarem prejudicados. Prejudicados pela retenção que entenderam como um confisco, prejudicados pelo congelamento, que os pegou com os preços "atrasados". Quando há um congelamento essa atitude por parte dos agentes econômicos é inevitável. Em parte ela corresponde à realidade - de fato, o desequilíbrio intertemporal dos preços relativos no dia do congelamento deixa necessariamente uma parte das empresas e dos trabalhadores com seus preços abaixo do nível considerado satisfatório por eles - em parte é uma ficção criada pelos próprios agentes econômicos. Realidade ou ficção, entretanto, o fato é que essa convicção de que seus preços ou salários estão atrasados, que foram prejudicados pelo congelamento, que estão sendo vítimas do conflito distributivo, leva os agentes econômicos a aumentar os seus preços na primeira oportunidade.

Alguns fatores apressaram o aparecimento dessa oportunidade: (1) o aumento real de salários de 23 por cento no mês de março (quando o reajuste foi de 72,5 por cento e a inflação de ponta a ponta foi de 40 por cento) somada ao retorno das vendas a crédito e a desconfiança no sistema financeiro provocaram uma pressão sobre os bens de consumo; (2) o aumento violento da quantidade de cruzeiros (de M4), que de 28 por cento foram reduzidos para 9 por cento no dia 16 de março, mas já quase dobraram em dois meses e meio, reduziu o efeito recessivo do plano, embora ainda não o tenha evitado; (3) o descongelamento apressado, particularmente de certos setores altamente oligopolistas como o dos bens intermediários; (4) as pressões altistas que já existiam anteriormente ao plano para certos produtos agropecuários; (5) certos erros jurídicos das autoridades econômicas que foram rapidamente utilizados na tentativa de enfraquecê-las.

Esses fatores, entretanto, apenas apressaram uma retomada da inflação que ocorreria de qualquer forma, dado o caráter crônico, inercial, profundamente impregnado na mentalidade e nas práticas dos agentes econômicos, para o quais a indexação tornou-se uma espécie de religião. Todos no Brasil sentem-se com o direito à indexação. Ninguém pode perder. Os lucros não podem ser reduzidos por algum tempo, os salários não podem ser provisoriamente rebaixados. Não importa que seja impossível estabilizar a economia sem que alguma recessão provoque a redução de lucros e salários. Todos já estão em busca de indexadores, conforme anunciava em sua manchete a Gazeta Mercantil de alguns dias atrás.

E não tenhamos dúvida, os "indexadores" são sempre escolhidos pelos interessados para lhe serem favoráveis. Alguns economistas populistas têm o desprazer de afirmar que os trabalhadores sofreram uma perda de 165 por cento (!) em março e abril (os 84 por cento do IPC de março e os 44 de abril), quando em março o aumento

de salários foi de 72,5 por cento contra uma inflação de ponta a ponta de aproximadamente 40 por cento nesse mês e uma inflação de ponta a ponta em abril de 3,29 por cento. As empresas que ainda têm seus preços controlados maquiagem seus produtos sem a menor cerimônia, e as que já foram liberadas já estão "indexando" seus preços como bem entendem. Com os preços liberados, a livre-negociação dos salários terá como consequência o retorno da prática, que se tornou generalizada nos últimos cinco anos, de as empresas cederem às reivindicações e repassá-las para seus preços.

Apesar de tudo isso, entretanto, o Plano Collor não está derrotado. A grande batalha fiscal está apenas começando, com a revisão do orçamento da União, com redução da dívida externa, com a preparação de um novo pacote fiscal. Muitas ações ainda poderão ser desenvolvidas para controlar a oferta de moeda. A política de rendas terá que ser retomada de várias maneiras. O único tiro, no dia 16 de março, atingiu o tigre, mas não o matou. Apenas o atordoou. Agora não resta outra alternativa ao Presidente e à sua equipe senão tratar de matar o tigre a pauladas. Em uma luta corpo a corpo, em que o tigre vai levantar várias vezes, vai arranhar os lutadores, vai exigir novos golpes, novas estratégias, redobrada energia. Mas afinal o tigre será morto. Não há mais lugar para a inflação no Brasil, por mais que ela seja inercial, por mais que ela viva nas mentes e nas práticas de muitos.